

## Circuncisão, Lei e promessa de vida

### *Circumcision, Law and promise of life*

*Carlos André da Cruz Leandro*

#### **Resumo**

Na carta aos Gálatas, Paulo declara-se contrário à circuncisão dos cristãos de origem não judaica por considerar que isso tornaria vã a cruz de Cristo. Para ele, as obras da Lei não podem justificar o homem, justamente porque elas são obras humanas sem relação com a promessa que exige a adesão da fé. Os argumentos de Paulo fazem uso das Escrituras, chegando a propor uma alegoria dos dois filhos de Abraão: aquele nascido de Hagar, a escrava, representa a lei do Sinai; aquele nascido de Sarah, a livre, representa os filhos da promessa. Contudo, a alegoria de Paulo encontra uma dificuldade, pois a circuncisão foi justamente o que permitiu a renovação da promessa e a consequente fecundidade do casal Abraão e Sarah. Deste modo, o aprofundamento do significado do sinal da circuncisão para a aliança a partir do relato de Gn 17 permite estabelecer a justa relação que ela possui com a promessa à Abraão.

**Palavras-chaves:** Paulo. Aliança. Abraão. Sarah.

#### **Abstract**

In the letter to the Galatians, Paul declares himself against the circumcision of Christians of non-Jewish origin, considering that this would render the cross of Christ in vain. For him, the works of the Law cannot justify man, precisely because they are human works unrelated to the promise that requires the adherence of faith. Paul's arguments make use of the Scriptures, even proposing an allegory of the two sons of Abraham: the one born of Hagar,

the slave, represents the law of Sinai; the one born of Sarah, the free, represents the children of the promise. However, Paul's allegory encounters a difficulty, since circumcision was precisely what allowed the renewal of the promise and the consequent fertility of the couple Abraham and Sarah. In this way, the deepening of the meaning of the sign of circumcision for the covenant from the account of Gen 17 allows to establish the right relationship that it has with the promise to Abraham.

**Keywords:** Paul. Covenant. Abraham. Sarah.

## Introdução

A primeira comunidade cristã testemunha uma disputa teológica na qual estava em questão a interpretação da Lei e sua prática: “Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos” (At 15,1). Certamente, não era a validade da Torá<sup>1</sup> em sua totalidade que produzia o conflito, mas a interpretação de aspectos legais ligados a práticas alimentares e à circuncisão (Mt 15,1-20; Mc 7,1-23; At 15,1-29; Gl 2,1-10).<sup>2</sup> O motivo entende-se: a ordem divina de circuncidar o sexo dos meninos no oitavo dia de vida é mencionada em Lv 12,3. Contudo, visto que em Gn 17 a circuncisão é o “sinal de aliança” (v.11) entre Deus e a descendência de Abraão, Paulo critica a interpretação das Escrituras que faz seus adversários, ao conceber a circuncisão no contexto da lei mosaica antes que no contexto da promessa abraâmica: “é Abraão o homem da promessa, não a lei, vinda 430 anos mais tarde (Gl 3,15-22)”.<sup>3</sup>

O conflito de interpretações parece denunciar o uso anacrônico dos textos bíblicos, ainda que, para a tradição judaica, isso possa ser natural, segundo o princípio “não há cedo ou tarde nas Escrituras”.<sup>4</sup> De fato, em Gn 26,5 se diz que Abraão obedeceu aos “preceitos, estatutos, normas e leis” de YHWH,

---

<sup>1</sup> Torá e Lei são equivalentes, mas distinguimos o aspecto legislativo (Lei, com “L” maiúsculo) daquele canônico (Torá).

<sup>2</sup> A contenda não foi nunca totalmente resolvida em relação à circuncisão, que segue sendo objeto de divergentes interpretações entre as religiões abraâmicas até os dias atuais.

<sup>3</sup> LÉMONON, J.-P., Lei-escritura, Lei-prescrição, Lei-ágape, p. 299.

<sup>4</sup> Veja a citação de fontes rabínicas em BERNAT, D. A., Sign of the covenant, p. 39.

sugerindo ao histórico-crítico que se trata da inserção de uma glosa, visto que esta fraseologia é possível apenas à geração pós-Êxodo (Ex 16,28; 1Rs 11,38).<sup>5</sup> Não obstante, a dimensão legal da circuncisão não se impõe sempre e de modo claro, ao contrário, por vez se confunde com o que parece pertencer primariamente ao patrimônio cultural da região, vinculado a rituais matrimoniais (Gn 34; Ex 4,24-26). Quanto à circuncisão dos escravos e estrangeiros em Ex 12,44.48 (Gn 17,12-13), a ordem dada por YHWH a Moisés precede a páscoa no Egito e a libertação, assumindo, nesse contexto, a conotação de purificação litúrgica preparatória.<sup>6</sup> Dito isto, o que está em jogo na argumentação de Paulo não parece ser a validade da Torá enquanto tal, mas uma certa interpretação teológica que estes textos receberam.

## 1. A Lei em Gálatas

Segundo o especialista James Dunn, “nada é mais complexo na teologia de Paulo do que o papel e a função que ele atribui à Lei”.<sup>7</sup> Todavia, é exatamente o problema do papel da Lei que se encontra formulado na carta aos Gálatas pelo próprio Paulo, o qual propõe e responde a questão: “por que a Lei? (Τί οὖν ὁ νόμος) Por causa das transgressões” (3,19). Sua função foi “vigiar” (παιδαγωγός) sobre nós, em vista da fé em Cristo (Gl 3,24). Neste ponto é preciso constatar que, em Gálatas, Paulo entende a Lei seja como Escritura (3,7-14; 4,21-31) seja como reserva de sentido, relacionada a Cristo:<sup>8</sup> “se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão” (2,21). A partir desta distinção, fica claro que o embate de Paulo está em negar às obras da Lei a capacidade de oferecer aquilo que somente a fé em Jesus Cristo é capaz, qual seja, a vida (2,16.20).

A respeito do significado da expressão “obras da Lei”, às quais Paulo se refere em 2,16, trata-se de uma extrapolação a partir do comportamento ambíguo de Pedro, relatado pouco antes. De fato, Pedro deixou de comer com os gentios depois da chegada de “alguns da parte de Tiago” (2,11-14). Considerando bem, a questão em torno da lei judaica relativa aos alimentos não parece ter sido resolvida na assembleia de Jerusalém, relatada em At 15,1-35 (veja o discurso de Tiago, v.19-21), mas apenas a questão da circuncisão (veja

<sup>5</sup> CRÜSEMANN, F., A Torá, p. 66.

<sup>6</sup> A necessidade da circuncisão antes da celebração da páscoa aparece também em Js 5,2-8.

<sup>7</sup> DUNN, J. D. G., Paulo e a Torá, p. 243.

<sup>8</sup> LÉMONON, J.-P., Lei-escritura, Lei-prescrição, Lei-ágape, p. 297-298.

o discurso de Pedro, v.5-12). Por isso, o comportamento de Pedro oferece a Paulo a ocasião de expor seu pensamento sobre a função da Lei para a salvação, sem entrar no mérito da importância relativa dos costumes alimentares e da circuncisão para a Torá. Neste sentido, para Paulo, as “obras da Lei” correspondem ao aspecto humano e por sua vez ostentatório da prática dos mandamentos, os quais não perdem seu valor por serem de outra ordem.<sup>9</sup>

Todavia, a distinção entre “mandamentos” e “obras da Lei” apenas permite a Paulo avançar em sua requalificação da Lei, negando-lhe a função de justificação, sob risco de vanificar a cruz de Cristo (Gl 2,21). De fato, na discussão em torno da Lei, o que interessa a Paulo é a sua relação a Cristo, morto sob a Lei para nos libertar do seu jugo, de tal modo que ninguém poderia gloriar-se por cumpri-la, pois ela não é apta para obter a salvação (6,14). Por conseguinte, ao rechaçar a necessidade de continuar a marcar, na carne (3,3), o compromisso de fidelidade exigido pela Aliança, na realidade Paulo reage à consequente banalização da cruz de Cristo. É esse aspecto do comportamento dos membros judaizantes da comunidade que Paulo denuncia: “Eu, Paulo, vos digo: se vos fazeis circuncidar, Cristo para nada vos servirá” (5,2).<sup>10</sup> Estes sobrepõem a justificação, que vem pelo Espírito na adesão de fé (3,2), à interpretação equivocada que fazem do significado da circuncisão (6,13), à qual atribuem um valor salvífico (At 15,1) que rivaliza com aquele que pertence apenas ao sacrifício da cruz (5,4.11).

Paulo argumenta com as Escrituras, afirmando que a fé que conduziu Abraão supera os benefícios da Lei, pois a bênção está vinculada a uma promessa, e não ao mandamento. Assim como em Abraão, igualmente, Cristo comunica a bênção pela fé nas promessas do Espírito (3,14). Em outra argumentação escriturística, Paulo procura reconduzir a compreensão legal da Torá à sua dimensão de testemunho, ao utilizar a alegoria das duas alianças (4,24) em associação com os dois filhos de Abraão: um gerado pela escrava (Hagar) e outro gerado pela livre (Sarah). Na medida em que Paulo associa, alegoricamente, o corpo legal da Torá à herança da escrava, ele afirma que a descendência dela permanece na escravidão (Gl 4,24-25). Conclusão: a circuncisão, enquanto norma legal, é geradora de servidão (Gl 5,1). Em revanche, a alegoria de Paulo se fragiliza quando “esquece” que a circuncisão

---

<sup>9</sup> LÉMONON, J.-P., *Lei-escritura, Lei-prescrição, Lei-ágape*, p. 303.

<sup>10</sup> A insuficiência da circuncisão na carne para a justificação foi denunciada por Jeremias em Jr 4,4; 9,24.

é sinal de aliança que assegura a descendência de Sarah, a livre, e não de Hagar, a escrava. Segundo o relato de Gn 17 ao qual a alegoria faz referência, após a circuncisão de Abraão e seu clã, Sarah se tornou fértil e deu à luz ao descendente da promessa, Isaac (Gn 21).

Ora, ao recusar à Lei a função de justificação, de modo que o fiel possa pôr sua confiança nas obras, a argumentação de Paulo, que entende a Torá como testemunha da aliança, parece perigosamente ambígua. Então, deve-se compreender a alegoria a respeito de Sarah e Hagar sem levar em conta o significado da circuncisão para a aliança de YHWH com Abraão em Gn 17? Sendo a circuncisão o objeto desencadeador do conflito, não é possível negar que Paulo o tinha em mente ao construir sua analogia entre a descendência da escrava e da livre. Por isso, para aprofundar o ponto de vista de Paulo, é necessário reconduzir a circuncisão ao seu contexto próprio, que é aquele em que a promessa de descendência a Abraão se desenvolve e aprofunda seu alcance, fazendo dele não apenas pai de uma descendência numerosa, mas de nações numerosas. A partir da perspectiva sincrônica, as próximas páginas propõem uma análise narrativa do relato de Gn 17, não sem antes fazer algumas observações históricas a respeito do ritual da circuncisão.

## 2. Circuncisão: significado

Do ponto de vista histórico, é impossível determinar o significado do ritual da circuncisão com precisão, dada a variedade de explicações e justificativas que foram se acumulando nas diversas culturas em que foi praticada.<sup>11</sup> Como exemplo de tentativa para o significado propriamente israelita, encontra-se, na antiguidade, a proposta de Fílon de Alexandria. Na obra *Specialibus legibus*, ele apresenta seis explicações para o rito da circuncisão, quatro das quais ele atribui à tradição (previne doenças, promove a higiene, a disciplina interior e a fertilidade) e outras duas que ele mesmo acrescenta. Em sua opinião, a circuncisão está relacionada com a sexualidade e a fecundidade humana, de modo que, por um lado, é símbolo de controle do prazer sexual e, por outro, contribui para “podar” a vaidade masculina relativa à capacidade procriativa. Fílon oferece como justificativa a necessidade de purificar a mente de ideias não devotadas a Deus.<sup>12</sup> Além de Fílon, diversas

<sup>11</sup> BEIDELMAN, T. O., *Circoncisione*, p. 97-100; HALL, R. G., *Circumcision*.

<sup>12</sup> FÍLON de Alexandria, *The works of Philo, De Specialibus Legibus*, I, 1-11.

outras tentativas de explicação do significado histórico da circuncisão são atestadas,<sup>13</sup> mas permanecem forçosamente genéricas e dependentes do contexto sociocultural em que a circuncisão foi ou é praticada. Em consequência, para acessar o significado da circuncisão no contexto dos relatos bíblicos, não resta outra opção: é necessário acolher o sentido que lhe é dado pelos textos em que aparece, sem lhes exigir uma referência a um dado significado histórico impossível de se determinar inequivocamente.<sup>14</sup>

Tomando os principais textos bíblicos que mencionam o rito da circuncisão (Gn 17; Ex 4,24-26; e Js 5,2-9), o primeiro, na ordem canônica, Gn 17,1-14, é, de longe, o relato mais importante.<sup>15</sup> Do ponto de vista da crítica histórica, este episódio do ciclo de Abraão é uma composição tardia que se convencionou chamar, segundo a teoria das fontes ou documentária, de redação sacerdotal, o mais característico dos redatores do Pentateuco.<sup>16</sup> Preocupada com a fragilidade imposta aos membros da comunidade pelo exílio, a redação sacerdotal pretende promover a estabilidade da comunidade através de instituições socioculturais, como o calendário litúrgico e os rituais de sacrifício. Por conseguinte, em alguns relatos oriundos desta tradição, “gestos cultuais são realizados como sinais do cuidado contínuo de Deus num contexto de aparente abandono”.<sup>17</sup> Esse contexto histórico preciso é o que explicaria a institucionalização do rito da circuncisão em Israel como uma estratégia identitária. De fato, apenas os povos semitas do lado ocidental praticavam o ato de cortar o prepúcio dos adolescentes, estabelecendo um provável vínculo com os rituais relacionados com o culto à fertilidade. Desta maneira, estando Israel exilado na região da Mesopotâmia, onde se desconhece essa prática, a circuncisão, em Israel, poderia representar uma forma singular de distinguir-se dos demais.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Este esforço dos estudiosos pode ser apreciado em SASSON, J. M., *Circumcision in the ancient Near East*; NIEHOFF, M. R., *Circumcision as a Marker of Identity*; ISAAC, E., *Circumcision as a covenant rite*; GOLDINGAY, J., *The significance of circumcision*.

<sup>14</sup> Pode-se conferir algumas dessas tentativas em WÉNIN, A., *Circoncision et alliance dans la Genèse*; FOX, M. V., *The sign of the covenant*; BERNAT, D. A., *Sign of the covenant*; BRUEGGEMANN, W., *Genesis 17:1–22*.

<sup>15</sup> FOX, M. V., *The sign of the covenant*, p. 558.

<sup>16</sup> McEVENUE, S. E., *The narrative style of the priestly writer*, p. 145-187; WESTERMANN, C., *Genesi*, p. 138; BRUEGGEMANN, W., *Genesis 17:1–22*, p. 55.

<sup>17</sup> BRUEGGEMANN, W., *Genesis 17:1–22*, p. 55.

<sup>18</sup> Segundo Flávio Josefo, YHWH encarregou Abraão de circuncidar sua descendência “para que eles se abstivessem de misturar-se com os outros” (*Ant. Jud.* 1:192). NIEHOFF, M. R.,

Em síntese, o estudo dos condicionamentos históricos inerentes ao ritual da circuncisão previne uma interpretação demasiado ingênua do seu significado para Israel. Porém, não permite ir mais longe do que isso, de tal sorte que, para compreender o significado da circuncisão para Israel, é premente esquadriñar a riqueza literária de Gn 17, incluindo abordagens sincrônicas. Portanto, considerar o texto tal qual ele se apresenta, tomando-o como uma construção literária acabada, não é ignorar o processo histórico que faz dele, ao mesmo tempo, uma peça composta por variadas camadas redacionais.<sup>19</sup> Pelo contrário, ao levar em conta apenas o texto canônico,<sup>20</sup> a leitura unitária da narrativa respeita o caráter literário do livro de Gênesis e, ao mesmo tempo, coloca em evidência o talento do redator final, que assim o organizou. Por isso, adotamos, em nosso estudo, o modelo narrativo, tal como tem sido aplicado aos estudos bíblicos nos últimos decênios.<sup>21</sup>

### 3. Contexto narrativo de Gn 17

Em Gn 17,1-27, as repetições e as estruturas retóricas – típicas da literatura hebraica, como o paralelismo simétrico – colaboram para reforçar a unidade textual.<sup>22</sup> Já a delimitação do episódio pode ser demarcada, no início, pela menção da idade de Abraão e a aparição de YHWH (17,1), indicando que se passaram 13 anos desde o nascimento de Ismael, dado mencionado no fim do relato anterior em 16,16. Uma nova aparição de YHWH, em 18,1 assinala o início de um novo episódio, de modo que o episódio iniciado em 17,1 se conclui em 17,27 com a circuncisão de Abraão e de sua parentela. Além disso, o fim do episódio estabelece uma relação com o início, de modo a criar uma inclusão

---

Circumcision as a Marker of Identity, p. 90. Por que, então, apenas os homens, e não as mulheres, deveriam trazer essa marca distintiva? COHEN, S. J. D., Why aren't Jewish women circumcised?.

<sup>19</sup> McEVENUE, S. E., The narrative style of the priestly writer, p. 145-146.

<sup>20</sup> VOGELS, W., Abraão e sua lenda, p. 13-21.

<sup>21</sup> SKA, J.-L., “Nos pères nous ont raconté”; SONNET, J.-P., L'analyse narrative des récits bibliques. Em português, se encontram traduzidos, tanto o manual, MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., Para ler as narrativas bíblicas. Quanto a obra seminal, ALTER, R., A arte da narrativa bíblica. Para uma breve apresentação do modelo, PARMENTIER, E., A escritura viva, p. 173-214; SKA, J.-L., Sincronia, p. 123-148. Sobre a necessidade de superar a concepção de que as perspectivas “sincrônicas” e “diacrônicas” sejam concorrentes, PELLETIER, A.-M., Bíblia e hermenêutica hoje, p. 55-92.

<sup>22</sup> McEVENUE, S. E., The narrative style of the priestly writer, p. 149-160.

entre o v.1 e o v. 24, centro do trecho narrativo compreendido entre os v.23-27.<sup>23</sup> Relativamente ao macro relato, o episódio do capítulo 17 ocupa o centro do ciclo de Abraão, de modo que alguns autores identificam os capítulos 16–17 como o centro da estrutura simétrica que organiza o ciclo (11,27–22,24), delimitado por duas genealogias.<sup>24</sup>

Do ponto de vista da estrutura narrativa, os discursos de YHWH parecem fazer desaparecer a tensão narrativa; porém, a incerteza a respeito do futuro da promessa não se dissipa enquanto a esterilidade de Sarai for um obstáculo:<sup>25</sup> “É, portanto, exatamente a dialética da incerteza e da antecipação que funda a tensão narrativa, da qual uma das funções primárias é ‘ritimar’ o relato”.<sup>26</sup> Isto pode ser confirmado quando se considera o caráter episódico do ciclo de Abraão. Ao desenvolver os fios narrativos que constituem o “enredo unificante”<sup>27</sup> dos episódios, o narrador produz uma expectativa que paulatinamente encontra satisfação nos discursos de YHWH. De fato, a narrativa de Gn 17 é uma etapa importante no caminho sinuoso das promessas divinas a Abraão, a principal delas, a de uma descendência.<sup>28</sup> Neste sentido, é um *locus* clássico a literatura sobre o Gênesis apontar o fio narrativo das promessas divinas a Abraão como o principal elemento que dita o ritmo da narração. Porém, segundo uma minuciosa análise narrativa, seria mais apropriado afirmar que elas manifestam “a relação que YHWH costura, pacientemente, com Abraão, da qual as promessas constituem uma das dimensões”.<sup>29</sup>

---

<sup>23</sup> Para um estudo detalhado da estrutura literária de Gn 17, ver WÉNIN, A., Recherche sur la structure de Genèse 17, p. 196-211.

<sup>24</sup> RENDSBURG, G. A., The redaction of Genesis, p. 28-29; SUTHERLAND, D., The organization of the Abraham promise narratives, p. 30. Segundo Gary Rendsburg, esta estrutura é originada na proposta de Umberto Cassuto, que identifica 10 provas em que Abraão é submetido, sendo o episódio de Gn 17 a 5ª prova, CASSUTO, U., A commentary on the Book of Genesis, p. 295-296. Outra divisão estabelece as duplas de capítulos, Gn 15–16 e Gn 17–18, como o centro da estrutura simétrica, WALSH, J. T., Style and structure in biblical hebrew narrative, p. 89-90.

<sup>25</sup> Westermann considera que a esterilidade de Sarah, anotada em 11,30, produz em cada episódio uma tensão associada à promessa de um filho à Abraão, WESTERMANN, C., Genesi, p. 105.

<sup>26</sup> BARONI, R., Passion et narration, p. 170.

<sup>27</sup> Segundo J. L. Ska, num enredo unificante, “todos os episódios são pertinentes para o relato, e estão em relação com os acontecimento narrados” SKA, J.-L., “Nos pères nous ont raconté”, p. 20-21; MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., Para ler as narrativas bíblicas, p. 71-71.

<sup>28</sup> As duas promessas – da descendência e da terra – conferem unidade ao ciclo, VOGELS, W., Abraão e sua lenda, p. 181.

<sup>29</sup> WÉNIN, A., Abraham, ou, l'apprentissage du dépouillement, p. 7.

Por conseguinte, quando a longa espera por um filho parece ter-se cumprido por meio da escrava, Hagar – por iniciativa de Sarai, esposa de Abrão, e sem levar em conta YHWH, o autor das promessas – o leitor se questiona: será Ismael, o filho esperado? Será por meio dele que as palavras de YHWH a respeito da descendência de Abrão se cumprirão? Essa questão, não respondida no capítulo 16, se transfere para o capítulo seguinte, gerando a expectativa pela dissolução da incerteza criada no leitor.<sup>30</sup> Neste sentido, o capítulo 16 de Gênesis configura a tentativa infeliz de resolver a tensão gerada no capítulo 15 pela promessa de um descendente ao velho Abrão e sua esposa estéril, Sarai. A retomada das promessas em Gn 17 atualiza e põe, finalmente, um termo definido à sua realização: dentro de um ano Sarah – agora não mais Sarai – terá um filho. Assim, a renovação da promessa de descendência a Abraão – agora não mais Abrão – permite a introdução de elementos novos que elevam a tensão narrativa a um novo patamar.

#### 4. Análise narrativa de Gn 17

Considerando o ciclo de Abraão (11,27– 22,24), o relato do capítulo 17 se insere no fio narrativo que se desenvolve em torno da construção da relação de Abraão com YHWH a partir das promessas da terra e de uma descendência, delineadas respectivamente nos capítulos 12 e 15. Quanto ao capítulo 12, as palavras do chamado e da promessa de se tornar uma grande nação, em 12,1-2 (“Parte [הלך]...farei de ti uma grande nação”), se assemelham às primeiras palavras de YHWH em 17,1-3a (“Caminha [הלך]...de ti farei nações”). Todavia, é o capítulo 15 que configura o contexto próximo do episódio de Gn 17,<sup>31</sup> onde a visão de Abrão e a promessa de uma descendência são corroboradas pela passagem do fogo de YHWH sobre o sacrifício, em 15,17-20. De fato, os episódios compreendidos entre os capítulos 12–14 deixam irrealizada a promessa da descendência, mantendo o suspense a respeito do seu cumprimento.<sup>32</sup> Quando, a partir do capítulo 15, o tema da descendência é

---

<sup>30</sup> BARONI, R., *Passion et narration*, p. 170.

<sup>31</sup> Quanto ao tipo de relação que se pode afirmar existir entre esse dois relatos de aliança (Gn 15 e 17), é questão debatida, visto que se constatam elementos de continuidade e descontinuidade entre os episódios. Veja WILLIAMSON, P. R., *Abraham, Israel and the nations*, p.26-77.

<sup>32</sup> VOGELS, W., *Abraão e sua lenda*, p. 91.

retomado, o leitor é definitivamente introduzido na equência narrativa que se prolonga até 18,15.

Portanto, desde que Gn 12–14 constitue a *expositio*<sup>33</sup> da sequência narrativa em torno da promessa a Abrão de uma descendência numerosa em 15–18,15, o nascimento de Ishmael, relatado em 16,15-16, configura o elemento que desencadeia a complicação desenvolvida em seguida no capítulo 17. Ou seja, YHWH aceitará ou não que Ismael seja o herdeiro da promessa à Abrão de uma descendência? É marcante, ao longo do relato do capítulo 16, o contraste entre a ausência de uma comunicação divina ao patriarca e a aparição do anjo de YHWH a Hagar, a serva de Sarai e mãe de Ishmael (16,7-13). Este episódio eleva a tensão da sequência narrativa (15–18,16) caracterizando-se como *momento desencadeador* da complicação desenvolvida no capítulo 17:<sup>34</sup> Ishmael poderá ser o herdeiro da promessa de uma descendência a Abrão, sem que seu nascimento seja atribuído à iniciativa divina? Seja como for, a ambiguidade no modo de agir de Abrão em relação à YHWH, em relação à sua esposa Sarai e, principalmente, em relação à Hagar é suficiente para provocar o suspense em torno do conflito familiar gerado com a chegada do filho da escrava (16,1-6).<sup>35</sup> O discurso divino no início do capítulo 17 retarda a solução deste conflito até os v.15-21, quando YHWH rejeita a solução promovida por Abrão e Sarai para a realização da promessa de uma descendência. Contudo, a tensão é sustentada ao longo de todo o discurso de YHWH (v.1-21), pois a questão de fundo permanece sem solução até os últimos versículos: Diante da demora na realização da promessa de um descendente, Abrão será capaz de confirmar sua confiança nas palavras de YHWH?

*Gn 17,1-3a*: Os três personagens envolvidos no conflito do capítulo 16 pautam o discurso de YHWH no capítulo 17: “YHWH”, v. 4-8; “Abrão-Abraão”, v. 9-14; “Sarai-Sarah”, v. 15-21. O primeiro deles, YHWH, abre o relato com uma ordem a Abrão de sentido incerto: “Caminha diante de mim

---

<sup>33</sup> “Situação inicial ou exposição: circunstâncias da ação (moldura, personagens); se for o caso, é mencionada uma falta (enfermidade, dificuldade, ignorância), e a narrativa vai mostrar a tentativa de sua eliminação”, MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., Para ler as narrativas bíblicas, p. 59.

<sup>34</sup> Momento desencadeador é “momento em que o conflito ou o problema aparece pela primeira vez e suscita o interesse do leitor”, SKA, J.-L., “Nos pères nous ont raconté”, p. 27.

<sup>35</sup> Para uma análise narrativa deste episódio, à luz do conflito familiar nele esboçado, veja WÉNIN, A., Sarai, Hagar et Abram, p. 24-54.

para que sejas íntegro”,<sup>36</sup> (v.1). Pode-se afirmar que os dois imperativos da frase antecipam o comportamento que se espera de Abrão na oferta de aliança que se explicitará em seguida?<sup>37</sup> Ou é um chamado a rever o passado, mais antigo como mais recente, tendo em vista o comportamento inadequado de Abrão em relação a Sarai no Egito (12,10-20)? Ou será uma advertência em relação aos acontecimentos em torno do nascimento de Ismael (capítulo 16)?<sup>38</sup> Tudo bem pesado, o narrador informa, indiretamente, que se passaram 24 anos desde o primeiro chamado a caminhar (com a conotação de deslocamento físico) na direção indicada por YHWH (12,4). Quando Abrão atinge a marca simbólica de 99 anos de idade, o convite a caminhar é repetido, desta vez na forma verbal *hitpael*, quiçá com aspecto frequentativo,<sup>39</sup> indicativo de comportamento habitual. Neste caso, a ordem de caminhar “diante de YHWH” é acompanhada da motivação, “para que sejas íntegro (חַמְּטָה)”,<sup>40</sup> de modo que o patriarca parece ser convidado a fazer um balanço de sua relação com YHWH e assumir o dom expresso na aliança. Esta primeira fase da complicação do relato pode ser compreendida assim: estará Abrão à altura deste novo chamado ou hesitará em confiar nas palavras de YHWH? A prostração de Abrão diante da aparição de YHWH contrasta com a desenvoltura manifestada em 15,1-2, o que poderia significar uma atitude de humilde submissão: seria o início de uma transformação que se manifestará plenamente ao final do relato, ou um misto de reverência e perplexidade pelas palavras de YHWH, depois de 24 anos da primeira promessa de descendência numerosa?

*Gn 17,3b-8*: Após este início, o discurso de YHWH repete promessas anteriores (capítulos 12 e 15), ampliando-lhes o alcance. Nesta primeira parte, YHWH chama para si a responsabilidade da aliança e inicia o discurso (v. 4)

---

<sup>36</sup> O significado do imperativo secundário pode conter nuances após um imperativo inicial, como é o caso aqui, conforme explica JOÛON, P.; MURAOKA, T., *A grammar of biblical hebrew*, §116f.

<sup>37</sup> É a interpretação frequente na tradição judaica, SARNA, N. M., *The JPS Torah Commentary*, p. 123, seguida por HARTLEY, J. E., *Genesis*, p. 170; WÉNIN, A., *Circoncision et alliance dans la Genèse*, p. 22.

<sup>38</sup> VOGELS, W., *Abraão e sua lenda*, p. 107.

<sup>39</sup> MURAOKA, T., *A biblical hebrew reader*, p. 71.

<sup>40</sup> O termo חַמְּטָה, “íntegro”, não tem significado moral (perfeito, irreprovável), mas diz respeito à relação com Deus, “significa o caráter incondicional e completo dessa entrega a ele”, *Gn 20,15; Dt 18,13*. RAD, G. von., *El libro del Genesis*, p. 243. A frase “caminha diante de mim” significa a leadade a Deus que condiciona o arco das experiencias humanas, SARNA, N. M., *The JPS Torah Commentary*, p. 123.

com אָנִי, “Eu”, – que se traduz por “Quanto a mim...” –, indicando, assim, o dom que ele associará à aliança. Em seguida, se manifesta o projeto divino para o patriarca no jogo de palavras que explica a mudança do nome de Abrão, visto que, segundo a tradição oriental, o destino de uma pessoa está inscrito no seu nome. Desta forma, a troca de אֲבִרָם, “Abrão” (pai exaltado) por אֲבְרָהָם, “Abraão” (pai de multidão), pretende indicar uma nova etapa em sua existência: ele não será apenas pai de um filho, mas de uma multidão de nações (v.5).<sup>41</sup> A aliança prometida à posteridade de Abraão recebe ainda uma garantia perpétua (v.7-8) e uma dimensão de compromisso mútuo: YHWH não diz que fará aliança “com” Abrão (15,18), mas “farei aliança entre mim e ti” (v.2.7). Ao contrário da aliança do capítulo 15, onde apenas YHWH atravessa o sacrifício que sela a aliança, no capítulo 17 a aliança implica, da parte de Abraão, a obrigação de um comportamento leal para com Deus (v.2). De certo modo, o que YHWH exige de Abraão e de sua descendência se explicita na apresentação parcial da fórmula deuteronômica da aliança: YHWH há de ser o Deus de Abraão e das gerações futuras (v.7-8). Em consequência, בְּרִית, “aliança”, pode ser compreendida no sentido de “obrigações” contraídas pela parte que aceita o pacto, que neste caso significa ter YHWH como seu Deus e de sua descendência. Dito isso, pode-se ainda observar que a forma verbal usada ao se referir à aliança causa estranheza. O verbo habitual na instalação de uma aliança é כָּרַת “cortar”, sendo raro נָתַן “estabelecer” (v.2) e קוּם “levantar” (v.7).<sup>42</sup> A partir desta variação não se nota diferença no significado atribuído a בְּרִית, “aliança”, mas o estilo insólito poderia emprestar um sentido de novidade e de exclusividade à aliança entre Deus e Abraão.<sup>43</sup> O silêncio do patriarca sustenta a tensão do relato.

*Gn 17,9-14*: O discurso de YHWH prolonga-se, mas, desta vez, a promessa dá lugar às obrigações. Neste trecho, todos os verbos têm sujeitos humanos,<sup>44</sup> de modo que a repetição dos termos בְּרִית “aliança”, (6x) e מוּל מִינִי “circuncisão” (6x) serve para insistir na relevância de ambos para a validação das promessas. Este aspecto é indicado na maneira de o discurso estruturar-se,

<sup>41</sup> O significado do novo nome de Abraão se expressa como um jogo de palavras: אֲבְרָהָם (Abraão) e אֲבִרָם (pai de nações). As duas formas אֲבִרָם e אֲבְרָהָם podem também ser consideradas variações dialetais, ambas significando “pai (a Divindade) exaltado”. RAD, G. von, *El libro del Genesis*, p. 244.

<sup>42</sup> WEINFELD, M., בְּרִית, *convenant*, p. 261.

<sup>43</sup> WILLIAMSON, P. R., *Abraham, Israel and the nations*, p. 195-206.

<sup>44</sup> WÉNIN, A., *Circoncision et alliance dans la Genèse*, p. 31.

formando uma inclusão: v. 9: “E tu, minha **aliança** tu *guardarás*” // v. 14: “é minha **aliança** que ele *rompeu*”. O caráter repetitivo do discurso de YHWH se articula numa estrutura simétrica, cujo centro se encontra nos vv.12-13, com instruções precisas: circuncidar os recém-nascidos no oitavo dia, bem como todos os que estão sob a casa de Abraão.<sup>45</sup> Ao fim do v. 13, o termo בְרִית, “aliança”, é repetido duas vezes, de modo a justapor o signo (circuncisão) e o seu significado (aliança): “E será minha בְרִית na vossa carne, uma בְרִית perpétua”.<sup>46</sup>

Apesar da importância dada à circuncisão – esta é primeira aparição do ritual na Bíblia –, o modo breve como é apresentada não permite explicar o seu significado no contexto da aliança. Afinal, embora a dimensão de sinal de pertencimento a um povo tenha sido perpetuada, deve-se levar em conta que é, no mínimo, estranho que um “sinal” deva ficar escondido, como é o caso da circuncisão. Não surpreende, portanto, que os especialistas tenham pontos de vista muito variados a respeito do valor da circuncisão para a aliança.<sup>47</sup> Segundo Michel Fox, a circuncisão é sinal da aliança com Abraão, da mesma maneira que o “arco-íris” é sinal da aliança com Noé, de modo que ele representa uma recordação diante de Deus do seu pacto com Abraão.<sup>48</sup> Walter Vogels interpreta o “corte” do prepúcio em analogia com os animais “cortados” por Abraão para o sacrifício, no capítulo 15. Segundo este autor, o significado da circuncisão seria semelhante à automaldição que o sacrifício realiza, a qual é simbolizada pelo gesto de atravessar a vítima, invocando sobre si o mesmo destino.<sup>49</sup> Uma explicação simbólica do “corte” no sexo é encontrado em Fílon de Alexandria (já apresentada acima) e, com nuances psicanalíticas, reproposto por André Wénin. Segundo esta interpretação, a circuncisão leva Abraão a consentir em não ser completo, permitindo que ele estabeleça uma relação fecunda com sua esposa. Assim, a circuncisão redimensiona a pretensão totalizante de Abraão: “Neste sentido, a circuncisão é por ela mesma um sinal de aliança que, para se realizar, supõe que se assuma sua própria falta, que se aceite renunciar à totalidade”, de modo a “abrir-se ao outro, num encontro potencialmente fecundo”.<sup>50</sup> Por fim, segundo outro ponto de vista, John E. Hartley enfatiza o aspecto de conduta moral

<sup>45</sup> WÉNIN, A., Recherche sur la structure de Genèse 17, p. 205.

<sup>46</sup> McEVENUE, S. E., The narrative style of the priestly writer, p. 171.

<sup>47</sup> Alguns dos significados históricos da circuncisão são apresentado acima, ver nota 4.

<sup>48</sup> FOX, M. V., The sign of the covenant, p. 595. Seguido pela nota da TEB, ed. 2020, e por VOGELS, W., Abraão e sua lenda, p. 109.

<sup>49</sup> VOGELS, W., Abraão e sua lenda, p. 110 ; KUTSCH, E., בְרִית Compromisso, obligación, p. 496.

<sup>50</sup> WÉNIN, A., Circoncision et alliance dans la Genèse, p. 34.

que o sinal feito no sexo evoca, levando o israelita a recordar-se da integridade de Abraão e da bênção de fecundidade que ele representa.<sup>51</sup>

A variedade de explicações do significado da circuncisão encontra um denominador comum quando se trata do seu valor coletivo, ao distinguir um israelita dos demais povos. Por isso, recusar a circuncisão equivale a excluir-se da aliança, e, conseqüentemente, da comunidade israelita (v.14).<sup>52</sup> Neste sentido, o motivo para circuncidar o recém-nascido de oito dias pode ser identificado na relação da bênção de Abraão (17,6) com a bênção da criação em Gn 1,28. A fecundidade prometida na criação se completa na vida do neonato no oitavo dia, de sorte que a circuncisão é um ato de fé no Criador da parte da comunidade dos fiéis. Além disso, ao incluir o escravo e o estrangeiro, o sinal da circuncisão mostra que não há distinção entre os homens que não seja abolida com a aliança, ampliando o alcance das promessas de fecundidade a todo aquele que professar a mesma fé abraâmica. Através destes dois elementos, que manifestam o caráter comunitário da circuncisão – qual seja a conexão com a bênção da criação e a inclusão na bênção de todos os que possuem laços com Abraão –, se pode auferir um valor simbólico, representativo de uma realidade que se enraiza profundamente na fé do Israel pós-exílico, dificilmente redutível a um mero ritual tribal.<sup>53</sup>

Por outro lado, não se pode negar que, por sua própria natureza, o sinal da circuncisão evoca uma realidade íntima, como é a relação com o próprio sexo. Disso decorre que o sinal de aliança indicado pela circuncisão tem em vista a fidelidade à aliança vivida numa dimensão que toca a interioridade, evitando a exposição arrogante de um eventual sinal visível que evocasse a predileção divina por Israel. Por isso, como sinal que permanece escondido, ele é importante apenas para as partes que consentem na aliança, de modo a acarretar obrigações morais a quem o traz na carne. Neste sentido, é sugestivo que o texto bíblico se refira não apenas à circuncisão física, mas à circuncisão (Dt 10,16; 30,6; Jr 4,4; Rm 2,29) ou incircuncisão do coração (Lv 26,41; Ez 44,7,9; Jr 9,25), à incircuncisão dos lábios (Ex 6,12.30), incircuncisão dos ouvidos (Jr 6,10) e, ainda, circuncisão de Cristo (Cl 2,11-13).<sup>54</sup> Não obstante, é

---

<sup>51</sup> HARTLEY, J. E., Genesis, p. 172.

<sup>52</sup> É neste sentido que se deve interpretar a expressão “ser cortado do seu povo”. WESTERMANN, C., Genesi, p. 140; HARTLEY, J. E., Genesis, p. 173.

<sup>53</sup> WÉNIN, A., Abraham, ou, l'apprentissage du dépouillement, p. 155.

<sup>54</sup> DI PEDE, E., La “circoncision du coeur” p. 45.

importante salientar que o significado espiritual da circuncisão (sinal de aliança), se sobrepõe ao significado material (sinal feito na carne), visto que é sempre a relação com YHWH o que está em jogo. Em consequência, a circuncisão física só pode receber seu significado do conteúdo da aliança, sob pena de deturpar e distorcer a sua função de signo. Tanto é verdade que a aliança poderia prescindir da circuncisão enquanto sinal, quanto ela se torna uma obrigação condicionante uma vez estabelecida a função de sinal. Portanto, na medida em que o ritual manifesta a fé abraâmica nas promessas, o caráter íntimo da cisão na carne configura a adesão pessoal e comunitária à aliança da qual ele é depositário.

Finalmente, neste estágio do relato, o silêncio de Abraão diante do comando de circuncidar a todos os homens do seu clã não permite saber nada dos efeitos que o tema produz sobre ele. Cortar um anel de carne em torno do seu sexo parece relacionar-se paradoxalmente com a paternidade que ele almeja. Além do mais, Abraão pode se sentir tranquilo, pois, obter uma descendência é uma meta já alcançada, graças a Ishmael, um filho que traz o seu sangue. O paradoxo, porém, permanece: justamente onde reside a capacidade de fecundar é que se deve provocar a “mutilação”, em nome d’Aquele que lhe prometeu fecundidade extrema (v.2). Mais uma vez, a ausência de uma reação às palavras de YHWH provoca o suspense: Abraão aceitará os termos da aliança e assim irá exprimir sua confiança em YHWH, cumprindo o ritual da circuncisão?

*Gn 17,15-22*: No quarto discurso, YHWH desafia Abraão, tocando-lhe na ferida. Ao mencionar Sarai, YHWH antepõe ao seu nome, aparentemente sem nenhuma necessidade, o lugar que é dela na relação com Abraão: “a tua mulher Sarai” (v.15a). Em seguida, YHWH a designa com um nome até então desconhecido, sugerindo que se trata de uma revelação e não uma imposição de um novo nome: “seu nome é Sarah” (v.15b).<sup>55</sup> Em todo caso, desde que é Abraão e não Sarai quem precisa ser informado, o novo nome parece interessar a Abraão antes que a sua esposa. Considerando que שָׂרָי, tipicamente um masculino plural, significa “meus príncipes”, enquanto שָׂרָה é a forma do feminino, “princesa”, o nome revelado convida Abraão a estabelecer um

---

<sup>55</sup> O significado da diferença dos nomes Sarai e Sarah é explorado em WÉNIN, A., *Circuncision et alliance dans la Genèse*, p. 35-36.

comportamento com Sara que seja conveniente ao seu status de esposa.<sup>56</sup> Será dela que o filho prometido a Abraão haverá de vir, não de Hagar. Além disso, a ela é justo o título “princesa”, pois é a descendência dela com Abraão que dará origem a reis (v.6.16). Em certa medida, este anúncio resolve o problema provocado com o nascimento de Ishmael (capítulo 16), eliminando a incerteza sobre o papel de Sarah na promessa da descendência de Abraão.

No entanto, após este anúncio do lugar de Sarah no futuro da aliança, Abraão quebra o silêncio, fazendo repicar a tensão. O narrador onisciente revela ao leitor a íntima reação de Abraão, ao se prostrar mais uma vez: “ele pôs-se a rir”. O riso incrédulo de Abraão pode encontrar uma cumplicidade no leitor que, como ele, tem direito de perguntar-se: como é possível um ancião, quase centenário, esperar que sua esposa de 89 anos possa ainda lhe dar um filho? Sem confessar o que se passa em seus pensamentos – embora estes sejam sugeridos ao leitor pelo seu riso, revelado pelo narrador –, Abraão mal disfarça seu ceticismo ao pedir pela vida de Ismael, como se ele estivesse em risco. Até aqui Abraão respondeu ao desafio posto pela aliança com soluções humanas, primeiro pela adoção de seu servidor Eleazar (15,2) e, em seguida, com a cumplicidade de Sarai, gerando Ishmael, o filho de Hagar (16,15). YHWH chancelará este comportamento do patriarca?

Depois desta reviravolta, a resposta de YHWH a respeito do futuro de Ismael dissolve imediatamente a tensão. Ao designar o filho que nascerá de Abraão e Sarah como *יִשְׁמָעֵאל*, “ele rirá”, o narrador retrata YHWH de modo delicadamente irônico, pois, manifesta conhecer os pensamentos de Abraão sem reprovar-lhe o comportamento (v.19). A ligação de Isaac com a aliança não exclui Ishmael de ser abençoado com a bênção de Abraão, que é a fecundidade (17,20). Quanto à Abraão, ele estará disposto a continuar a esperar por mais uma promessa de YHWH? Ele será capaz de considerar seriamente o papel de Sarah, de modo a estabelecer uma relação de reciprocidade na promessa de fecundidade? A narração chega ao clímax, seu ponto de maior tensão, com a ação decisiva que provoca a resolução definitiva do relato: “quando terminou de falar, Deus elevou-se sobre Abraão” (v.22). Deixado

---

<sup>56</sup> Normalmente, a diferença entre os nomes é explicada como uma mudança dialetal, sem alteração do significado, “princesa”. Contudo, a possibilidade de interpretar as diferenças morfológicas do nome é sugestiva, se comparado com o tratamento dado por Abrão à sua esposa em sua estada no Egito (Gn 12,10-20). Na ocasião, o patriarca dispôs da sua esposa, entregando-a aos “príncipes” do país. WÉNIN, A., *Circuncision et alliance*, p. 35-36.

sozinho, tendo que decidir consentir ou não à nova proposta de aliança, o que fará Abraão?<sup>57</sup> Da renovação de sua confiança em YHWH depende a sua resposta.

*Gn 17,23-27*: O final do relato manifesta a decisão de Abraão de cumprir à risca e imediatamente o sinal de aliança pedido por YHWH, desfazendo-se totalmente a tensão do relato. O modo escrupuloso e a presteza de Abraão em cumprir exatamente a ordem divina é sublinhado pelo narrador através da curiosa expressão *בְּצֶעְפֶּז הַיּוֹם הַזֶּה* “no osso deste dia”<sup>58</sup> e da repetição do vocabulário relativo à circuncisão e às pessoas envolvidas (v.10-14). É o que afirma claramente o final do v.23, onde se diz que Abraão fez tudo “conforme Deus lhe havia falado”.<sup>59</sup> Ora, a estrita obediência do patriarca ao executar o sinal da circuncisão representa a renovação de sua esperança no dom da fecundidade que decorre da aliança. O ceticismo e a incredulidade que transpareceram em seu riso diante da promessa de um descendente (v.17-18) cede lugar à determinação em realizar o comando de YHWH, fazendo o leitor relacionar esta atitude de submissão a Deus com o convite inicial de “caminhar diante de YHWH”, sendo “íntegro” (v.1). Além disso, as repetições encontradas nos v. 26-27 constituem um epílogo que confirma o completo cumprimento da ordem de YHWH. Por fim, embora não haja mais nada a ser dito, a última frase do discurso de YHWH, no v.21, deixa no ar a expectativa pela realização da promessa de um descendente da aliança: “Sarah dará à luz no próximo ano”. Consciente do efeito que esta frase provoca no leitor, o narrador retém a tensão, retardando o desfecho desta história, intercalando outros episódios do ciclo de Abraão, antes de, finalmente, narrar o nascimento de Isaac no capítulo 21.

O resumo do desenvolvimento da tensão narrativa em Gn 17 apresenta-se do seguinte modo:

---

<sup>57</sup> WÉNIN, A., *Circoncision et alliance dans la Genèse*, p. 25.

<sup>58</sup> Traduzida por “nesse mesmo dia”, é uma fórmula relativamente rara. Encontrada em momentos decisivos (a entrada na arca, Gn 7,13; dia da saída do Egito e da celebração da Páscoa, Ex 12,17.41.51; dia da morte de Moisés, Dt 32,48), ela pode indicar que a circuncisão de Abraão inaugura um tempo especial para o patriarca e seu grupo. WÉNIN, A., *Circoncision et alliance dans la Genèse*, p. 41.

<sup>59</sup> WÉNIN, A., *Recherche sur la structure de Genèse 17*, p. 210.

|                        |                                                                                                                                              |
|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Expositio:             | Gn 12 –15                                                                                                                                    |
| Momento desencadeador: | Gn 16: Nascimento de Ishmael (v.15)                                                                                                          |
| Complicação:           | Gn 17,1-14                                                                                                                                   |
| fase 1:                | v. 1-3a: caminhar diante de YHWH e ser íntegro, recordação da promessa de aliança (Gn 15) e nova promessa de descendência numerosa (Gn 12,3) |
| fase 2:                | v. 3b-8: Mudança do nome de Abrão para Abraão, renovação da promessa da terra (Gn 12 e 15)                                                   |
| Fase 3:                | v. 9-14: Circuncisão, sinal da Aliança                                                                                                       |
| Resolução:             | Gn 17,15-16 - Nome de Sara e confirmação que dela, não de Hagar, sairá a descendência de Abraão.                                             |
| Reviravolta:           | Gn 17,17-18 - Incredulidade de Abraão                                                                                                        |
| Resolução:             | Gn 17,19-21 - Ismael será abençoado. Isaac nascerá dentro de um ano (suspense)                                                               |
| Ação transformadora:   | Gn 17,22 – YHWH termina de falar e retira-se de junto de Abraão.                                                                             |
| Resolução:             | Gn 17,23-25- Abraão cumpre sua parte na Aliança, submetendo-se à vontade de YHWH.                                                            |
| Epílogo:               | Gn 26-27                                                                                                                                     |

## Conclusão

A fé de Abraão na promessa se manifesta na execução do sinal de Aliança. A fecundidade, paradoxalmente prometida mediante a circuncisão do órgão de reprodução masculino, traduz a aliança em termos de complementariedade. A carne cortada permitirá que a nudez do órgão masculino seja recoberta, desta vez pela carne de sua parceira, convidando Abraão a considerá-la adequadamente em seu status de esposa e herdeira da promessa. Desta maneira, a modificação do regime de forças promove um novo equilíbrio no papel de ambos para a realização das promessas da aliança. A descendência de Abraão é a descendência de Sarah, ela deve, portanto, ser tratada como *partner* ativamente engajada em uma relação de reciprocidade. O projeto de YHWH para Abraão implica a renúncia do comportamento totalitário em relação à mulher, seja ela Hagar ou Sarah. Em consequência, segundo manifesta a análise narrativa de Gn 17, a circuncisão pode ser uma maneira de recordar a Abraão os limites de seu poder

procriador, dando espaço à liberdade divina e à atitude de reciprocidade no trato com sua esposa.

Por outro lado, o discurso de YHWH mantém e estende ainda mais o alcance das promessas feitas anteriormente a Abraão. Porém, também recorda que é necessário caminhar diante de YHWH e manter íntegra a confiança nas suas promessas. A demora na realização das palavras de YHWH pode assumir o caráter de prova, pois, faz emergir o desejo de Abraão, quase sempre escamoteado, de ter controle da realidade. Deste modo, o sinal da aliança, marcado na carne, surge num momento decisivo da vida do patriarca, quando ele está prestes a completar 100 anos. Enquanto número redondo e completo, poderia representar o fim de toda esperança, de toda expectativa humanamente fundada, simbolizando desta maneira o momento em que nada mais se espera para o futuro, senão a morte. Neste limiar da vida, a reiteração da promessa de uma descendência representa um renascimento para o casal de idosos, Abraão e Sarah, mas é também um desafio. Ele ainda terá forças para recomeçar, isto é, refazer a esperança e renovar sua confiança nas promessas? A circuncisão é um pequeno gesto que manifesta sua determinação em permanecer um homem de esperança, apesar de tudo.

Finalmente, desde que o sinal da circuncisão surge num momento de prova, ele permite que Abraão possa confirmar seu coração. Aquilo que o move é o desejo de uma descendência, aquilo que ele faz é um gesto de submissão à vontade de YHWH, em quem ele reconhece o doador da vida. Entre a ordem de YHWH e a circuncisão há apenas a decisão livre de Abraão: realizar o sinal da aliança colocando-se no caminho do sonho, ao perpetuar a vida através de uma descendência numerosa; ou recusar entrar em aliança e permanecer onde já se está, indo em direção à morte sem esperança. Nestas circunstâncias, realizar a circuncisão representa uma chance que ele dá a si mesmo de repartir, como na primeira vez em que ouviu o chamado de YHWH, confirmando sua inquebrantável esperança no cumprimento das palavras de YHWH.

Transpondo esta realidade para o contexto da carta aos Gálatas, parece evidente que não é intenção de Paulo negar o valor da fé abramica para a fé cristã. Ao contrário, a análise de Gn 17 mostra que o sinal da circuncisão se orienta para a fé e a esperança na promessa, um testemunho dado por Abraão e recordado por Paulo como sinal de liberdade: “como Isaac, sois filhos da promessa” (Gl 4,28). Neste sentido, quando Paulo menciona, na carta aos Gálatas, a circuncisão como geradora de escravidão (Gl 5,1), ele não pretende

opor a fé em Jesus ao cumprimento de leis, pois a promessa de vida em Cristo não é isenta de moralidade própria<sup>60</sup>. Ao contrário, o significado próprio da circuncisão para a aliança abramica reforça a ideia de que a antítese fé-obras é falsa, pois o sinal realizado por Abraão é emblema da confiança numa promessa de vida, aquilo que os cristãos encontram na ressurreição de Cristo.

Em revanche, a Lei e a promessa de vida que se orienta para a ressurreição sobrepassa abundantemente a Lei e a promessa de vida sinalizada pela circuncisão de Abraão. Deste modo, o sinal na carne se torna incompatível com a esperança cristã, na medida que a circuncisão representa uma promessa que se encontra plenamente realizada em Cristo. É por esta razão que Paulo exorta a abandonar o sinal da circuncisão, pois, realizá-lo na carne implica ignorar a salvação alcançada na cruz (Gl 5,2). Portanto, assim como a Lei orienta para a fé em Jesus (Gl 3,23), a circuncisão também realizou o seu papel histórico, de modo que a continuidade de sua prática significa excluir-se da comunidade dos redimidos. Estaria, então, toda a Lei fadada a caducar? Não é isso que pretende Paulo, pois, foi a circuncisão física e não a aliança que ela representa que esvaziou-se de sentido.

### Referências bibliográficas

ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BARONI, R. Passion et narration. **Protée**, v. 34, p. 163-175, 2006.

BEIDELMAN, T. O. Circoncisione. In: COSI D. M.; SAIBENE L.; SCAGNO R. (Orgs.), **Il rito**: Oggetti, atti, cerimonie. Milão: Jaca Book/Marzorati, 1994. p. 97-100.

BERNAT, D. A. **Sign of the covenant**: circumcision in the priestly tradition. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009.

BRUEGGEMANN, W. Genesis 17:1–22. **Interpretation**, v. 45, p. 55-59, 1991.

CASSUTO, U. **A commentary on the Book of Genesis**: from Noah to Abraham. Jerusalém: Magnes Press / Varda Books, 2010.

---

<sup>60</sup> “A antítese fé-obras não é uma antítese entre fé e moralidade em geral, mas uma antítese entre a vida como um Cristão, com suas crenças e práticas próprias, e a vida como Judeu”, WATSON, F., Paul, Judaism and the gentiles, p. 65.

COHEN, S. J. D. **Why aren't Jewish women circumcised?** gender and covenant in Judaism. Berkeley: University of California Press, 2005.

CRÜSEMANN, F. **A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento.** Petrópolis: Vozes, 2002.

DI PEDE, E. La “circoncision du coeur” de l'un à l'autre Testament. In: BURNET, R.; LUCIANI, D. (Org.). **La circoncision: parcours biblique.** Bruxelles: Lessius, 2013. p. 45-65.

DUNN, J. D. G., Paulo e a Torá: o papel e a função da Lei na teologia de Paulo, o apóstolo. In: DETTWILER, A.; KAESTLI, J. D.; MARGUERAT, D. (Orgs.), **Paulo, uma teologia em construção.** São Paulo: Loyola, 2011. p. 243-266.

FÍLON de Alexandria. **The works of Philo: Complete and unabridged.** Peabody: Hendrickson Publishers, 1995.

FOX, M. V. The sign of the covenant: circumcision in the light of the priestly 'ot etiologies. **Revue Biblique**, v. 81, p. 557-596, 1974.

GOLDINGAY, J. The significance of circumcision. **Journal for the study of the Old Testament**, v. 25, p. 3-18, 2000.

HALL, R. G. Circumcision. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). **The anchor Bible dictionary.** New Haven / London: Yale University Press, 1992. p. 1025-1031. v. 1.

HARTLEY, J. E. **Genesis.** Peabody, MA: Hendrickson 2000.

ISAAC, E. Circumcision as a covenant rite. **Anthropos**, v. 59, p. 444-456, 1964. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40456422>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

JOÛON, P.; MURAOKA, T. **A grammar of biblical hebrew.** Rome: G&B Press, 2006.

KUTSCH, E. כְּרִיתָה Compromisso, obligación. In: JENNI E.; WESTERMANN C. (Orgs.), **Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento.** Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. p. 491-509. v. 1.

LÉMONON, J.-P. Lei-escritura, Lei-prescrição, Lei-ágape na epístola aos Gálatas. In: DETTWILER A.; KAESTLI J. D.; MARGUERAT D. (Orgs.). **Paulo, uma teologia em construção.** São Paulo: Loyola, 2011. p. 293-310.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas:** iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

McEVENUE, S. E. **The narrative style of the priestly writer.** Roma: Biblical Institute Press, 1971.

MURAOKA, T. **A biblical hebrew reader:** with an outline grammar. Leuven / Paris / Bristol: Peeters, 2017.

NIEHOFF, M. R. Circumcision as a marker of identity: Philo, Origen and the Rabbis on Gen 17:1-14. **Jewish Studies Quarterly**, v. 10, p. 89-123, 2003.

PARMENTIER, E. **A escritura viva:** interpretações cristãs da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2009.

PELLETIER, A.-M. **Bíblia e hermenêutica hoje.** São Paulo: Loyola, 2006.

RAD, G. von. **El libro del Genesis.** Salamanca: Segume, 1982.

RENDSBURG, G. A. **The redaction of Genesis.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2013.

SARNA, N. M. **The JPS Torah Commentary: Genesis.** New York / Jerusalém: Jewish Publication Society, 1989.

SASSON, J. M. Circumcision in the ancient Near East. **Journal of Biblical Literature**, v. 85, p. 473-476, 1966.

SKA, J.-L. “**Nos pères nous ont raconté**”: Introduction à l’analyse des récits de l’Ancien Testament. Paris: Cerf, 2011.

SKA, J.-L. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE H. (Org.). **Metodologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Loyola, 2000. p. 123-148.

SONNET, J.-P. L’analyse narrative des récits bibliques. In: BAUKS, M.; NIHAN, C. (Orgs.), **Manuel d’exégèse de l’Ancien Testament.** Genève: Labor et Fides, 2008. p. 47-94.

SUTHERLAND, D. The organization of the Abraham promise narratives. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 95, p. 337, 1983.

VOGELS, W. **Abraão e sua lenda:** Gênesis 12,1-25,11. São Paulo: Edicoes Loyola, 2000.

WALSH, J. T. **Style and structure in biblical hebrew narrative**. Collegeville: Liturgical Press, 2001.

WATSON, F. **Paul, Judaism and the gentiles**. Um sociological approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

WEINFELD, M. בְּרִית, covenant. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Orgs.), **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1977. p. 253-279. v. 2.

WÉNIN, A. **Abraham, ou, l'apprentissage du dépouillement**: lecture de Genèse 11, 27-25, 18. Paris: Les éditions du Cerf, 2016.

WÉNIN, A. Circoncision et alliance dans la Genèse: Essai d'interprétation. In: BURNET, R.; LUCIANI, D. (Orgs.). **La circoncision**: Parcours biblique. Bruxelles: Lessius, 2013. p. 19-44.

WÉNIN, A. Recherche sur la structure de Genèse 17. **Biblische Zeitschrift**, v. 50, p. 196-211, 2006.

WÉNIN, A. Saraï, Hagar et Abram: une approche narrative et contextuelle de Gn 16, 1-6. **Revue théologique de Louvain**, v. 32, p. 24-54, 2001.

WESTERMANN, C. **Genesi**: Commentario. Casale Monferrato: PIEMME, 1989.

WILLIAMSON, P. R. **Abraham, Israel and the nations**: the patriarchal promise and its covenantal development in Genesis. Sheffield: Sheffield academic press, 2000.

***Carlos André da Cruz Leandro***

Doutor em Exegese Bíblica pela Université Catholique de Louvain-la-Neuve  
Docente de Teologia da Universidade Católica de Salvador  
Salvador / BA – Brasil  
E-mail: carlos.leandro@pro.ucsal.br

Recebido em: 21/03/21

Aprovado em: 14/06/21